

AS TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS NO RECONTO DE HISTÓRIA DE ALUNO DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Veridiana Franco ALVES
Graduanda do curso de Letras/CAMEAM/UERN
Maria Leidiana ALVES
Professora da Educação Básica/SEEC

RESUMO: O presente artigo visa analisar as estratégias argumentativas mobilizadas durante o relato de histórias infantis por alunos de anos iniciais do Ensino Fundamental, buscando compreender como a criança argumenta e (re)constrói as narrativas. Nosso *corpus* se constitui de um relato, coletado por meio de gravação em áudio, de um aluno do 3º ano do ensino fundamental, vinculado à pesquisa OBEDUC (2011-2014). Para tanto, utilizaremos os dizeres teóricos, sobre argumentação no discurso, de Perelman e Tyteca (1996, 2005); Abreu (2006) e Reboul (2004); quanto à oralidade, trabalharemos com Belintane (2006, 2013). De resultado é possível dizer que o relato apresentou falhas em alguns trechos, mas não comprometeram a sequência lógica da narrativa, o aluno utilizou recurso de presença e alguns argumentos como o da incompatibilidade, o pragmático e o argumento pelo modelo, dentre outros, mostrando a presença da argumentação em textos de crianças.

Palavras-chaves: Estratégias argumentativas. Relato. Leitura e escrita.

À guisa de introdução

A todo momento, estamos fazendo uso da argumentação para estabelecer uma comunicação ativa com outros sujeitos atuantes na sociedade, como também, está presente no gerenciamento das relações de um modo mais geral. Em toda e qualquer situação, a argumentação faz-se imperiosa, em alguns casos exige um conhecimento mais aplicado e a escolha de bons argumentos, quando a intenção é convencer e /ou persuadir outros sujeitos.

A oralidade também é outra discussão pertinente quando tratamos de relações comunicativas, por exemplo, no espaço escolar tem conquistado um destaque considerável ao longo do tempo, uma vez que, ela está cada vez mais presente no contexto de sala de aula, pois, os educadores entendem a sua contribuição para aquisição da leitura e da escrita.

Por compreender a importância do trabalho com a oralidade em sala de aula, é que buscamos ao longo desta discussão destacá-la num contexto puramente escolar, ou seja, mostrando que é possível incluir essa modalidade nas atividades diárias, se mostrando, portanto, uma extensão do trabalho desenvolvido em sala. É pensando nesses dois vieses aqui

apresentados, ou seja, a argumentação e a oralidade em crianças, que pretendemos desenvolver aqui uma pesquisa que tem como título *As técnicas argumentativas no reconto de história de aluno do 3º ano do ensino fundamental*. Portanto, nosso objetivo é analisar as estratégias argumentativas mobilizadas durante o reconto de histórias infantis por alunos de anos iniciais do Ensino Fundamental, buscando compreender como a criança argumenta e (re)constrói as narrativas.

Nesse sentido, trataremos da oralidade em crianças que cursam o 3º ano do ensino fundamental de nove anos, que participaram da pesquisa *O desafio de ensinar a leitura e a escrita no contexto do ensino fundamental de nove anos*, doravante (OBEDUC, 2011-2014). A oralidade diz respeito aos recontos feitos por essas crianças num momento após uma contação de história como atividade de sala. A oralidade, a leitura e a escrita são três principais correntes da pesquisa OBEDUC (2011-2014), desenvolvida em três iés: (USP), (UFPA) e (UERN). Iniciada no ano de 2011 e com término em 2014, a pesquisa visa ao acompanhamento de crianças do 1º ao 4º ano, com o principal objetivo de acompanhar o processo de aprendizagem quanto à leitura, escrita e oralidade dos alunos que participam deste. Os bolsistas dessa pesquisa auxiliam o professor regente em atividades, bem como, retiram da sala para ambientes outros, aqueles alunos que apresentam mais dificuldades em qualquer das habilidades citadas acima.

Considerando a dinâmica da pesquisa à qual vinculamos nosso trabalho, a coleta dos dados originou-se da contação da lenda africana intitulada Jabulani e o Leão, que fora contada em sala, pela professora. O nosso *corpus* é composto por um reconto dessa narrativa, produzido por um aluno do 3º ano matutino, em espaço fora da sala de aula, da escola municipal, vinculada à referida pesquisa, na cidade de Pau dos Ferros.

Para a sistematização desta pesquisa utilizamos o apoio teórico: quanto à argumentação; Perelman e Tyteca (1996); Perelman e Tyteca (2005); Abreu (2006) e Reboul (2004); quanto à oralidade, trabalharemos com o autor Belintane (2013) e Belintane (2006). Sendo assim, neste trabalho buscamos envolver as técnicas argumentativas entrelaçadas na oralidade de crianças, com o objetivo de perceber, quais os recursos mais utilizados por elas no momento de um reconto e ainda o papel do mediador.

2 Revisão teórica

2.1 Utilizando as técnicas argumentativas

No que concerne ao tratado da argumentação vimos que, o auditório é um elemento fundamental, e aqui elencamos outro elemento que se faz de extrema importância para que haja uma comunicação social. As técnicas argumentativas; estas se constituem como uma ligação entre as teses iniciais e a tese principal, dividindo-se em dois grupos distintos que são eles: os argumentos quase lógicos e os argumentos fundamentados na estrutura do real. No que rege os argumentos quase lógicos encontramos a compatibilidade e incompatibilidade; regra de justiça; retorsão; ridículo e definição, dentre outros. Já nos argumentos fundamentados na estrutura do real encontramos o argumento pragmático; argumento do desperdício, argumento pelo exemplo; argumentação pelo modelo ou pelo antimitelo; argumentação pela analogia.

O argumento da compatibilidade e da incompatibilidade procura demonstrar que a tese inicial, pode ser incompatível ou compatível com a tese principal. Segundo Abreu (2006) esses argumentos recebem esses nomes porque algumas incompatibilidades não dependem de aspectos formais, mas sim das interpretações feitas pelos humanos.

De acordo com o que nos disseram Perelman e Tyteca (1996), a incompatibilidade depende também da natureza das razões e das decisões cabíveis ao ser humano, ou seja, não um aspecto puramente formal que constitua de fato como incompatível. Isto, por sua vez, não quer dizer que se configure como contradição, mas sim como, incompatibilidade.

Quanto à contradição, podemos dizer que é assim tida quando uma nega a outra, e dessa forma as duas proposições podem ser aplicadas igualmente. Há, portanto, uma incompatibilidade nessa situação, uma vez que apresentando as duas proposições poderão surgir atitudes que poderão ser classificadas como incompatíveis.

No que rege os argumentos quase-lógicos quantifica-se ainda inúmeros tipos de argumentos que atendem necessidades e situações distintas, portanto, específicas também. Os que aparecem com mais recorrência em nosso *corpus* foram elencados e explicados de forma rápida.

No que permeia as técnicas argumentativas, já vimos que se dividem nos argumentos quase lógicos e nos argumentos baseados na estrutura do real, esse primeiro já explicado em momentos outros. Os argumentos baseados na estrutura do real dizem respeito basicamente a ligação entre os pontos de vistas ou opiniões formadas relativas a eles, e não a uma descrição com caráter objetivo. Os principais argumentos baseados na estrutura do real são cinco e são assim chamados: argumento pragmático, argumento do desperdício, argumentação pelo exemplo e argumento pela analogia.

O argumento pragmático fundamenta-se, segundo Reboul (2004), principalmente na apreciação de um ato ou acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis. Ainda pode-se falar no importante papel deste argumento, pois, a lógica dos juízos de valor está nele inserido, portanto, é necessário reportar-se aos seus efeitos. Ainda segundo o autor o argumento pragmático desenvolve com facilidade, devido a transferência para a causa, do valor das consequências, ocorrendo ainda que não seja pretendido. Também permite apreciar uma coisa consoante a suas consequências, tanto presentes como futuras tem importância para a ação. Reboul (2004) também nos diz que o argumento pragmático não se atém a transferir uma qualidade da consequência para a causa. Isso mostra que as boas consequências de uma tese são as melhores provas a ponto de ser considerada como verdade.

Em palavras finais, no que se refere ao argumento pragmático, de acordo com os dizeres de Reboul (2004), é possível dizer que ele é apresentado como uma dosagem de alguma coisa através das consequências. Diante disso pode-se perceber que se torna difícil de reunir num só conjunto todas as consequências ocorridas num acontecimento, e de outra extremidade determinar a parte cabível num evento considerado único na realização de efeito.

Já o argumento pelo exemplo, segundo Abreu (2006), acontece quando se sugere a imitação das ações de outras pessoas. Geralmente esse argumento é realizado quando se quer convencer alguém a fazer determinada ação e, como principal meio usa-se o exemplo de alguém que conseguiu êxito em suas atividades. Sendo assim é presumível dizer que a imitação está inteiramente ligada a este argumento.

Outro argumento que faz parte das técnicas argumentativas é o denominado como argumento pelo modelo e antimitelo. Segundo Abreu (2006) esse argumento apresenta-se como uma variação do exemplo anteriormente explicado, aqui usamos o modelo bom ou ruim para convencer alguém, esse exemplo será, portanto, um definitivo e importante argumento para se conseguir a persuasão ou convencimento. O argumento do exemplo e o argumento pelo modelo são, pois, bem semelhantes nas situações comunicativas. De acordo com Reboul (2004) o modelo pode servir para estimular uma ação, inspirada na conduta, nas ações, nos comportamentos de um indivíduo ou, de um grupo maior, ilustrando assim essa regra geral.

Assim, vemos que quando temos uma ilustração de algo feito por alguém que deu certo, a tendência é que este ato seja visto como inspiração e exemplo para outros sujeitos. Já o antimitelo é visto por Abreu (2006) como algo que devemos evitar. Obviamente, os argumentos antimitelos se mostram contrários aos modelos e, portanto, são atitudes que não servem como inspiração para outros sujeitos. Em alguns casos o antimitelo funciona melhor que o modelo, por exemplo, quando rotineiramente um sujeito presencia um acontecimento

ruim, ele provavelmente buscará meios que não o leve ao mesmo caminho. Além dos tantos outros tipos de argumentos aos quais o orador pode recorrer em seu discurso, este dispõe também dos recursos de presença, sobre os quais discorreremos a seguir.

2.2 O discurso por meio dos recursos de presença

No que planeia os argumentos, é preciso que o orador utilize em sua oratória técnicas e alguns recursos de presença, pois dará veridicidade e confiança ao que está sendo proferido, além disso, os recursos de presença têm por finalidade ilustrar o discurso e, portanto, fortalecem os argumentos. As campanhas publicitárias, por exemplo, utilizam como recurso de presença a demonstração do produto que está sendo lançado. Nas histórias infantis aparecem como recurso de presença as imagens que, dão por sua vez, uma vida a história narrada. Abreu (2006, p. 68) nos diz que: “os recursos de presença são, pois, procedimentos que têm por objetivo ilustrar a tese que queremos defender”. Com isso ele nos diz que os recursos de presença se fazem constante também em nosso cotidiano, e dão um valor diferenciado ao discurso, bem como o efeito que ele causa no auditório. Ilustrar uma tese também significa convencimento em certos casos, tomemos como exemplo as propagandas de cosméticos, cuja eficiência do produto é mostrada através de imagens do antes e do depois geralmente, em mulheres com alto padrão de beleza, reconhecidas nacional e internacionalmente; a imagem se faz, portanto, um recurso de presença utilizado pela marca para convencer os leitores e consumidores.

No que concerne aos recursos de presença, ou seja, os recursos que ilustram o discurso proferido é proeminente mencionar o que Perelman chama de figuras de comunhão, cuja expressão diz respeito à preocupação do orador em fazer com que o auditório participe do discurso.

De acordo com a visão de Perelman cabe ao orador instigar a efetiva participação do auditório no discurso que é proferido, seja com exposição de novas ou contrárias ideias, com acréscimos de informações ou com perguntas que podem resultar com isso numa interação valiosa na comunicação entre orador e auditório.

2.3 A oralidade na dobradiça leitura e escrita

O tratamento da oralidade na sala de aula tem ganhado cada vez mais espaço, por entender-se que ela é tão importante quanto a leitura e a escrita. Até então o tratamento da

leitura e da escrita mostrava-se distinto em relação a oralidade, estas eram vistas com superioridade e com maior importância, já a oralidade não tinha tamanha abertura para fazer parte dos planos diários de sala de aula. Com a contribuição da oralidade a criança pode aprender a ler e a escrever de forma mais rápida, uma vez que, ela funciona como um trampolim, no que diz respeito ao aprendizado da criança.

A oralidade tem relevância no trabalho com a heterogeneidade de sala, sendo interessante o educador usar essas particularidades, singularidades da criança, ou seja, o que ela traz de seu mundo fora da escola, em seu manejo pedagógico; trabalhar algo que seja próximo da criança, para que assim ela se mostre mais ativa e apta para realizar tarefas sem grandes dificuldades. Deve-se pensar ainda na importância do trabalho com textos oriundos do cotidiano, pois, o aluno já traz consigo conhecimentos adquiridos fora do espaço escolar, e adequando esses conhecimentos às práticas de sala de aula a criança terá uma maior facilidade na realização de suas tarefas. É com o olhar voltado para tal questão que Belintane (2006, p.274) nos diz que: “devemos partir do uso de textos integrais de sua cultura, sobretudo aqueles gêneros que parecem ter sido especialmente preparados pela cultura para que a criança possa brincar com a desmontagem de palavras”. Sendo assim, a criança terá a oportunidade de abarcar novos conhecimentos e brincar com jogos de palavras, contribuindo também para instigar a corporeidade. O trabalho com o lúdico faz diferença na aprendizagem das crianças, principalmente quando se trata daquelas mais quietas e menos interativas com os demais colegas.

Para nos fazer adentrar no universo particular da criança e entender suas dificuldades e seus labirintos quanto à leitura e a escrita, o autor Belintane (2006), ao longo de seus estudos acerca da oralidade, nos faz perceber que é necessário estar atento ao que a criança nos dá de informação, são elas que nos mostram o que devemos trazer para o contexto de sala de aula.

Reportando-se ao tratamento da oralidade como dobradiça entre leitura e escrita, Belintane (2006, p. 274) nos diz que: “Os textos de origem oral permitem estratégias excelentes de alfabetização e de engajamento subjetivo no universo da leitura”. Com isso, é oportuno dizer que a oralidade desempenha um papel determinante para o processo de aquisição da leitura e da escrita, além disso, o trabalho com a oralidade é amplo e diversificado, o que dá espaço para o docente refazer sua prática de sala de aula.

Ainda pensando que a aquisição da leitura e da escrita por parte da criança se dá de forma mais fácil com a oralidade é que Belintane (2013, p. 42) nos alerta que: “cada gênero originário da cultura oral, desde que retomado em sua performance oral, traz importantes elementos estéticos e linguageiros que favorecem a alfabetização e a leitura significativa”.

A partir do que nos orienta Belintane, esses textos orais são vistos como uma base para a leitura e para a escrita, vindo posteriormente a ser uma expressão da língua. Além disso, é importante destacar que cada gênero pede um tipo de leitura específica, por exemplo, a maneira que lemos uma parlenda ou poesia, não pode ser a mesma que lemos um conto, é preciso adequar a maneira ao tipo de texto. Ainda é possível dizer também que esses tipos de textos ajudam na memorização da criança, o que influencia em sua escrita, pois, este aluno começa a entrar em contato com o outro lado da escrita, aquela escrita que é primeiramente ouvida. Com isso podemos dizer que essa escrita será uma escrita dinâmica que traz aspectos da infância para a prática escolar, e não somente aquela escrita exigida pela escola para cumprir tarefas, muitas vezes desconhecidas pelo aluno o contexto e a origem daquele exercício.

Seguindo os pensamentos de Belintane (2013), nesses textos de origem oral está inserida, sobretudo, a função poética da linguagem sendo, portanto, muito relevante no que diz respeito à aprendizagem dessas crianças, por exemplo, uma alfabetização dinâmica povoada de diversidades, favorecendo a esses alunos a compreensão do que seja ritmo e também dicção, resultando posteriormente numa leitura consistente. Dessa forma ao longo de seus estudos o autor procura mostrar que a oralidade mostra-se como uma aliada na alfabetização, seja com narrativas universais, ou com aquela que a criança traz de sua infância.

3 Escutando os recontos

Será nosso objetivo aqui a partir do reconto escolhido, analisar as estratégias argumentativas mobilizadas durante o reconto de histórias infantis de anos iniciais do Ensino Fundamental, buscando compreender como a criança argumenta e (re)constrói as narrativas; também procuraremos identificar as técnicas argumentativas utilizadas pelos informantes. A história aqui recontada pelas crianças foi contada em sala pelo professor e bolsista, trata-se de uma lenda africana intitulada Jabulani e o Leão. Atentemos ao reconto:

RECONTO - AC

Mediador: Cleiton, por favor, me conte a história de jabulani e o leão.

Aluno-AC: Era uma vez um menino jabulani estava passiano pela floresta, e escutou um animal chorando socorro socorro! foi olhar era um leão. Ele disse: o que foi leão? Me os caçadores me prenderam me solte; quem garante que você não vá me comer depois de eu te soltar? eu não eu não te como eu juro. Jabulani teve coragem soltou o leão, e o leão se preparou para agarrar o menino para engoli-lo, mais o leão estava com muita sede ele chamou o menino para ir para o lago, e disse menino

eu vou beber água para depois te engolir ce jabulani disse, você não pode me engolir você prometeu promessa é promessa é .. ele foi beber água se preparou para agarrar, e jabulani disse: calma vamos fazer um trato, vamos procurar outros animais e vamos dizer vamos perguntar o que tá certo eu ou você, eles foram procurar encontrou um burrinho, será que esse burrinho vai dá a resposta certa? Eles perguntaram: buurrinho é, você...você qual dos dois estão mais certo eu o soltei ele agora quer me comer? O burrinho disse que o mais certo era o leão, que trato é trato, aí jabulani disse: não calma vamos procurar outros animais; é depois eles encontraram a vaca a vaca deu a mesma resposta do burrinho, depois foram atrás ... atrás do que mermo eles acharam a foca, vou dizer a foca né, uma foca, a foca a meesima resposta....esqueci... tia posso ir pegar o papel pá me lembrar como é? jabulani..

Mediador: E ai depois da vaca ?

Aluno- AC: Eu acho que foi uma foca.

Mediador: Depois da foca?

Aluno- AC: Num sei esqueci da história,

Mediador: Quais foram as respostas que os animais deram a jabulani e o leão?

Aluno- AC: Que o leão podia comê-lo.

Mediador: E aí o jabulani foi engolido pelo leão?

Aluno- AC: Não o jabulani

Mediador: E o quê que aconteceu prá ele não ser engolido?

Aluno- AC: Ele enganou o leão.

Mediador: Como que ele enganou?

Aluno- AC:..... é ixe esqueci

Mediador: O que foi que ele fez prá enganar o leão?

Aluno- AC: Não sei.

Mediador: E o leão caiu na armadilha?

Aluno- AC: Caiu.

Mediador: E o que foi essa armadilha?

Aluno- AC: A armadilha que o leão já tava preso, ele colocou de volta e assim o leão caiu nela, e foi preso novamente.

Mediador: pronto?

Aluno- AC: E jabulani voltou para casa e viveu feliz para sempre. Aaai.

.....

Neste reconto, vemos que a criança tem muitas passagens importantes da história na memória. Trata-se de um reconto extenso em que o aluno traz detalhes bem marcantes do conto trabalhado. Primeiro ponto a ser destacado é como o aluno inicia sua narrativa, vejamos que ele coloca um recurso bastante utilizado em contos de fadas, por exemplo, o termo “*era uma vez*”, cuja expressão não aparece na história contada em sala. Essa criança não apresenta dificuldades para recontar, permanece quieta enquanto conta, porém, faz entonações interessantes em certas passagens para dar ênfase ao trecho que é recontado.

Em seu reconto, percebemos o que Perelman e Tyteca (1996) destacam sobre a preocupação do orador com o auditório no processo argumentativo, uma vez que a criança tem uma certa preocupação em lembrar a ordem de fala de cada personagem, porém, em certos momentos ela mistura as vozes do leão e de Jabulani, o que dificulta para o leitor entender o verdadeiro discurso entre os dois. Ao longo do reconto, é possível perceber um certo suspense para saber a opinião do burro em relação à pergunta do leão, cujo objetivo era

comer o Jabulani. Este suspense, que aqui foi citado, encontra-se no seguinte trecho: *vamos procurar outros animais e vamos dizer vamos perguntar o que tá certo eu ou você, eles foram procurar encontrou um burrinho, será que esse burrinho vai dá a resposta certa?* Neste momento, o aluno/orador causa uma expectativa no mediador em saber a decisão tomada pelo animal, principalmente, por fazer uso de uma entonação correta para tal efeito. Esse efeito pode ser visto como uma estratégia argumentativa, e como um recurso de presença, pois, o aluno chama a atenção de seu auditório particular, representado pelo mediador em seu relato, ou seja, ele instiga quem ouve/ler sua narrativa a participar desta, afim de querer saber o que virá depois, uma vez que a pergunta fica solta possibilitando ao leitor/auditório imaginar o que teria de fato acontecido.

No decorrer da história contada pela criança, ela faz uma confusão quando diz que o burro diz quem está certo ser o leão, porque trato é trato, porém, o acordo feito entre os dois era que após ser libertado o leão não comeria Jabulani em retribuição a ajuda do garoto; podemos ver nesse trecho: *o burrinho disse que o mais certo era o leão, que trato é trato*. Na história enfocada aqui, de fato, o burro diz que o leão tem direito de comer o menino, pois, os seres humanos são malvados com os animais, e não porque existia um trato como diz o aluno. Ainda mantendo essa visão, o aluno diz que a opinião da vaca foi a mesma, decerto foi, porém, novamente a criança faz essa contradição. Embora em alguns trechos o aluno faça uma certa troca de fatos, ele consegue manter a linha de sentido do conto, ou seja, há na narrativa uma sequência lógica.

No relato aqui visto, é possível perceber que a criança utilizou alguns recursos de presença, por exemplo, a foca, em alguns momentos o aluno tenta lembrar e pergunta para si mesmo qual o próximo animal, após alguns minutos ele diz que é a foca, vejamos esse trecho: *depois foram atrás ... atrás do que mermo eles acharam a foca, vou dizer a foca né, uma foca, a foca a meesma resposta*, porém, no conto trabalhado em sala pela professora e pelas bolsistas não aparece o animal por ele citado. Ele ainda sente dúvidas em relação a entrada da foca em sua narrativa e argumenta sobre a utilização de um apoio nesta atividade, por exemplo, a folha com a história escrita, esta passagem está nessa parte de seu relato: *“esqueci... tia posso ir pegar o papel pá me lembrar como é? jabulani..”*. A partir deste momento a criança começa a demonstrar uma carência de mais detalhes e diz que esqueceu do restante da história. Aqui vemos também a utilização do *argumento pragmático* de *causa* e de *efeito*; a causa do pedido de pegar o papel é o esquecimento, e o efeito seria uma nova retomada da história, agora com mais detalhes. Também é notória a preocupação dessa criança em recontar fielmente a lenda contada em sala.

Ainda que apresentando certa carência dos fatos ocorridos na narrativa, a criança consegue repassar para seu auditório do que se trata a história. Há algumas incompatibilidades com a história em algumas passagens do seu texto, devendo-se, portanto, ao fato do aluno ter esquecido o que vem posteriormente ao discurso do leão com a foca, como cita ele.

Também é possível dizer aqui que o envolvimento do aluno com o meio em que está inserido não acontece, ou seja, o aluno não traz outros elementos presentes ao seu redor para a construção de sua história, porém acrescenta a foca, animal este que não é comum em nosso ambiente. Apesar de encontrarmos uma certa confusão em seu relato, logo no início, o aluno não traz fatos extras para a história, ele mantém a preocupação de dar a história um sequenciamento lógico.

Desse modo, podemos ver mais adiante em sua narrativa, que ele precisa de ajuda do mediador do relato para finalizar o conto, por exemplo, nesse trecho: *Mediador: E o leão caiu na armadilha? Aluno AC: caiu.* Perguntas como tais são necessárias para que o relato tenha continuidade, pois, a criança inicia com bastantes detalhes e ao longo da história ela sente dificuldade, demonstrando ainda não lembrar do restante da narrativa, diminuindo as entonações que poderiam ser vistas anteriormente. É possível também ver neste relato a presença da figura de comunhão citada por Perelman e Tyteca (2005), em que para haver um discurso é necessário uma interação entre o orador e seu auditório. Essa interação existente entre orador e auditório é relevante para que a comunicação aconteça, assim como foi visto no relato acima, pois, é mediante o uso de argumentos de ambos os participantes no processo argumentativo, que o discurso ganha validade e credibilidade. Ainda se faz oportuno mencionar aqui a utilização do argumento de retorsão, utilizado pelo mediador, visto que, a partir de uma pergunta oratória é que o aluno dá continuidade a história finalizando-a, o que não havia sido feito.

É importante também perceber que ele usa no fim o *Foram felizes para sempre*, corriqueiro nos contos de fadas, assim como também inicia com o *era uma vez*. Esse recurso utilizado pela criança pode ser visto como um recurso de presença, pois, ele utiliza aspectos linguísticos e estruturais, característicos de uma construção narrativa já bastante conhecida e aceita universalmente por seu auditório, a dos contos de fadas que se iniciam e finalizam com esses termos. Ainda pode ser visto como uma maneira de mostrar que é conhecedor deste tipo de narrativa, resignificando o que está sendo recontado. Aqui seria também, um exemplo de argumento pelo modelo, visto que, nesse caso, não se trata de uma pessoa, mas sim de um gênero ao qual ele tenta relacionar os demais com os quais conhece e tem contato. Vale

destacar que esse aluno sempre faz uso desses recursos em todos os recontos por ele feitos, mesmo que a história verdadeira não os tenha.

À guisa de conclusão

Em suma, do que apresentamos aqui nesta pesquisa, vemos como a argumentação é tão precisa em nossa atuação como sujeitos em sociedade. Dependendo da articulação de nossos discursos, podemos ganhar a confiança de nosso auditório, seja ele universal, ou particular. Ainda utilizando os artifícios da argumentação, podemos colocar em nosso discurso alguns argumentos mais válidos e de maior veracidade, ganhando assim mais poder. É ainda poder concedido à argumentação os recursos de presença que servem para ilustrar em alguns casos o que dizemos, e assim, o discurso ou história adquire mais valor, o que por sua vez, deixa-a(o) mais intensa(o) e significativa(o).

Ainda foi mostrado em nosso trabalho que a oralidade é um recurso proeminente em salas de aulas, bem como, no fazer pedagógico. É possível dizer segundo Belintane (2006, 2013) que a oralidade ainda é pouco trabalhada em sala de aula, pois, os educadores pouco entendem sua contribuição para com a educação. Em alguns casos, o professor ignora o que seu aluno traz de seu cotidiano para a convivência escolar, especialmente, no tocante à expressão oral, sem perceber que essa oralidade pode ser uma grande ferramenta no que se refere à aquisição da leitura e da escrita. O uso da oralidade permite uma soltura do corpo do aluno, principalmente daqueles que são mais introspectivos com os demais e, ainda, desperta descobertas interessantes que desembocarão na escrita. Além disso, se o educador refizer sua prática pensando na heterogeneidade de sua turma, a leitura e a escrita surgirão com mais espontaneidade.

De acordo com os dados trabalhados, podemos dizer que o reconto base que nos serviu de análise para esta pesquisa, apresentou certas carências de detalhes e descrição de momentos chaves presentes no conto africano intitulado como Jabulani e o leão. No reconto AC viu-se a utilização do recurso de presença, por exemplo, a foca como personagem desse conto, no qual não há participação deste animal. Percebe-se ainda que o informante introduz conscientemente esse novo personagem como forma de substituição ao que houvera esquecido, no intuito de dar continuidade à narrativa. Aqui criança diz que o leão teria direito a saciar sua fome engolindo o menino porque deveria cumprir o acordo feito por ambas as partes; lendo a história podemos comprovar que não houve algum combinado e que o burro deu razão ao leão. Analisando as técnicas argumentativas durante o reconto destacamos os

argumentos mais recorrentes, por exemplo, o argumento da incompatibilidade esteve presente na narrativa do informante AC; a utilização do argumento pragmático e do argumento pelo modelo, também é possível perceber no relato AC; O argumento denominado de retorsão, e as figuras de comunhão também são utilizados neste relato.

Assim sendo, esse trabalho permitiu ver que a argumentação está presente em toda e qualquer situação e ambiente, até mesmo nas séries iniciais. Pelo que vimos aqui a criança mostrou que sabe utilizar a argumentação, quebrando assim com a concepção de que por ser criança de anos iniciais não saberia argumentar.

Referências

ABREU, A. S. **A arte de argumentar**. Gerenciando razão e emoção. 7. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

BELINTANE, Claudemir. **Oralidade e alfabetização**: uma nova abordagem da alfabetização e do letramento. São Paulo: Cortez, 2013.

BELINTANE, C. **Leitura e alfabetização no Brasil**: uma busca para além da polarização. Educação e Pesquisa, maio-agosto, v.32, n.02. São Paulo, 2006.

PERELMAN, C. e TYTECA-OLBRECHT, L. 5. ed. **Tratado da argumentação**. A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes.1996.

PERELMAN, C. e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**. A Nova Retórica. Trad. MariaErmantina de A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [1958].

REBOUL, Oliver. **Introdução à retórica**. tradução: Ivone Castilho. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Justiça e direito).